

A AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Dilcimara Silva Jacó Santos¹

Alessandro Garcia Paulino²

RESUMO

A temática do presente artigo se constitui sobre afetividade, sendo este tema relevante para o relacionamento humano e principalmente para a melhoria do convívio entre professor e educando. Considera-se que são imprescindíveis os estudos sobre as relações de afetividade entre o professor e educando dentro do espaço escolar. A escola torna-se um ambiente onde o estudante passa a maior parte de sua vida e é imprescindível que o ambiente seja cativante e afetivo para o pleno desenvolvimento da aprendizagem. Dessa maneira, o complemento do que a criança inicia dentro de casa em família é a escola que integra. A escola vai além de, simplesmente, repassar o conhecimento; é preciso ensinar com afeto, pois todo educando necessita de carinho, atenção e respeito dos professores e dos profissionais que atuam nas escolas. Desse modo, a pesquisa tem por objetivo geral analisar a relação entre a afetividade e a construção da aprendizagem na criança, com vistas a problematizar a postura do professor. Para alcance dos objetivos propostos, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, predominantemente teórica, de investigação em livros, artigos e textos publicados com a finalidade de comparar resultados, analisar, discutir e propor considerações. Resulta-se que a afetividade precisa estar presente em todas as decisões a serem tomadas pelo professor, sendo que as mesmas produzirão em seus alunos impactos positivos ou negativos. Trata-se, portanto, de um fator fundamental nas relações que se estabelecem entre os educandos e entre campos de experiência ministrados.

Palavras-chave: Afetividade. Educação. Família. Escola.

1. Introdução

¹Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Lavras.

²Graduado em Pedagogia (Uninter) e em Química (Licenciatura - UFLA), Mestre em Educação pela Universidade Federal de Lavras (PPGE/UFLA), Doutor em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar - CAPES). Atua como Professor substituto na área de Tecnologia Educacional e Educação a Distância DED/UFLA, e como Professor colaborador no curso de Pedagogia da FAGAMMON.

Graduanda em Pedagogia, esposa e filha sempre considerei a temática sobre afetividade relevante para o relacionamento humano e principalmente para a melhoria do convívio entre professor e educando. Pois, acredito que a escola é o ambiente propício para estabelecer conexões que agregam no desenvolvimento integral da criança. A escolha do tema justifica-se pelo meu interesse em esclarecer como se dão as relações de afetividade entre o professor e educando dentro do espaço escolar. Sabemos que tanto nos primórdios como nos dias atuais o afeto, assim como tudo que o envolve faz parte dos processos de ensino-aprendizagem.

Pesquisar esse tema me traz grande inquietude em explicar a participação que o docente tem nesse contexto. Atualmente o ambiente escolar é cheio de desafios, se por um lado o professor precisa estar atento as necessidades da criança, por outro lado encontram-se crianças desmotivadas, sem interesse diante do que o educador pode oferecer.

Neste sentido, partimos do seguinte problema de pesquisa: como o professor pode utilizar a afetividade no processo de ensino aprendizagem com crianças? Todo relacionamento precisa de afetividade, é ela que une professor e aluno. As emoções vividas pelos sujeitos deixam marcas para a vida toda.

A pesquisa tem por objetivo geral analisar a relação entre a afetividade e a construção da aprendizagem na criança, com vistas a problematizar a postura do professor. E nas suas especificidades revisitar e compreender o conceito de afetividade nos processos de ensino-aprendizagem; compreender de que maneira a ação subjetiva juntamente com a afetividade podem contribuir no desenvolvimento da criança.

O ser humano passa grande parte de sua vida dentro da escola e esse ambiente é fundamental para o desenvolvimento da criança e a relação que ela desenvolve com os sujeitos escolares irá contribuir na construção de seu caráter e sua identidade. O complemento do que a criança inicia dentro de casa em família é a escola que integra. A escola vai além da transmissão de conhecimento; é preciso ensinar com afeto, pois todo educando necessita de carinho, atenção e respeito dos professores e do corpo escolar que lá se encontram.

A pesquisa não busca apenas compreender aspectos como a afetividade, mas tudo que a envolve como: emoção, incentivo, motivação. Consciente do papel do professor, a postura que ele assume em sala de aula diz muito sobre o aprendizado da criança.

2. Metodologia

O método de pesquisa utilizado neste estudo possui uma abordagem qualitativa que se caracteriza em obter dados descritivos que expressam os sentidos e os fenômenos, não se preocupando em enumerar e/ou medir eventos. O estudo foi desenvolvido a partir de pesquisa bibliográfica, predominantemente teórica, de investigação em livros, artigos e textos publicados com a finalidade de comparar resultados, analisar, discutir e propor considerações.

Gil (1987), comenta que a principal vantagem deste tipo de pesquisa, ou seja, a bibliográfica, está no fato de que o investigador possui uma ampla gama de fenômenos, que no caso do trabalho em questão, possibilita estudá-los relacionando a afetividade no âmbito da educação infantil, podendo ser coletados em diversos espaços, seja em lugares físicos, como por exemplo nas instituições escolares ou em documentos e materiais teóricos.

Ainda sobre a abordagem qualitativa, os autores Roberto Bogdan e Siri Biklen (1994) nos complementam que:

A abordagem da investigação qualitativa exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para construir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 49).

Quanto ao trabalho do investigador qualitativo, Psathas (1973) citado por Bogdan e Biklen (1994) aponta que:

Os investigadores qualitativos em educação estão continuamente a questionar os sujeitos de investigação, com o objetivo de perceber “aquilo que *eles* experimentam, o modo como *eles* interpretam as suas experiências e o modo como *eles* próprios estruturam o mundo social em que vivem” (PSATHAS, 1973 apud BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 51).

Em paralelo com a abordagem qualitativa, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, que segundo Menga Lüdke (1986), esse tipo de pesquisa tem o objetivo de identificar informações e fatos nos documentos a partir de questões ou hipóteses de interesse. Lüdke (1986) ainda complementa que:

Os documentos constituem também uma fonte poderosa de onde podem ser retiradas evidências que fundamentem afirmações e declarações do pesquisador. Representam ainda uma fonte "natural" de informação. Não são apenas uma fonte de informação contextualizada, mas surgem num determinado contexto e fornecem informações sobre esse mesmo contexto (LUDKE, 1986, p. 39).

Dessa forma, Marconi e Lakatos (2003, p. 182), mencionam que a pesquisa bibliográfica inclui todo estudo que já se tornou público em relação ao tema de estudo, tendo como finalidade “colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas”. Esse tipo de pesquisa permite “ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente” (GIL, 1987, p. 71).

Grande parte do material coletado para a produção desta pesquisa foi retirada de bancos de dados virtuais como o *Scielo*, *Lilacs*, Google Acadêmico, utilizou-se também alguns termos de busca como: educação infantil e a afetividade. Após o levantamento bibliográfico foi feita a leitura informativa, seletiva, crítica e interpretativa a fim de estruturação da revisão com foco nos objetivos propostos.

Para tanto, no primeiro momento foi realizado uma análise sobre o cuidar e o educar na educação infantil. Posteriormente, foi estudado sobre o conceito de afetividade e para terminar foi pesquisado sobre o papel do professor diante do trabalho com a afetividade na sala de aula. Foram descritas as ideias mais relevantes, segundo a visão do pesquisador, como forma de resultado da pesquisa, na intenção de que os mesmos sirvam de auxílio para professores que necessitam de formação para tornar mais eficiente seu trabalho com as crianças.

Desse modo busca-se refletir sobre a afetividade no processo de ensino e aprendizagem na Educação Infantil e entender qual a importância da temática no processo de ensino-aprendizagem. Salienta-se que em decorrência do momento histórico que estamos vivendo de pandemia, crise política, sanitária e social e da não previsão de retorno na escola física é que reforçou a busca pelo trabalho bibliográfico.

3. A Educação Infantil

A partir de 1996, os pressupostos teóricos da Lei de Diretrizes e Bases (BRASIL, 1996), trouxeram para o âmbito escolar, a educação infantil como a primeira etapa da educação básica, no qual o seu maior enfoque era o cuidar, educar e brincar. Vale ressaltar que ela é dever do Estado, direito da criança e opção da família, não sendo obrigatória antes dos quatro anos de idade. Um dos pilares da educação é garantir o acesso a vagas em creches e pré-escolas, assegurando o direito de brincar, criar, aprender. “A educação infantil integra creches e pré-escolas distintas apenas pela faixa etária, com ação complementar à família, integrando educação e cuidado” (KRAMER, 2006, p. 805). Ainda segundo a autora, os fundamentos da Educação Infantil,

[...] enfatizam a ação educativa por intermédio de especificidades do currículo, da formação do profissional, normatizam o acolhimento de crianças com deficiências e estabelecem como objetivos da política de educação infantil: expandir a cobertura, fortalecer a nova concepção e promover a melhoria da qualidade (KRAMER, 2006, p. 805).

De acordo com o Referencial Curricular Nacional (BRASIL, 1998), o educar propõe o cuidado, brincadeiras e aprendizagens, com o intuito de desenvolver as capacidades infantis de relação com os mais diversos meios da sociedade em que a mesma está inserida e o desenvolvimento das capacidades de apropriação e conhecimento das habilidades corporais, afetivas, emocionais e estéticas. Desse modo, Kramer (2006) deixa claro que as crianças precisam e tem o direito de estarem em um espaço educacional bem estruturado que forneçam um currículo que potencialize sua inserção crítica na cultura.

As crianças têm o direito de estar numa escola estruturada de acordo com uma das muitas possibilidades de organização curricular que favoreçam a sua inserção crítica na cultura. Elas têm direito a condições oferecidas pelo Estado e pela sociedade que garantam o atendimento de suas necessidades básicas em outras esferas da vida econômica e social, favorecendo, mais que uma escola digna, uma vida digna (KRAMER, 2006, p. 811).

O cuidar nos dias de hoje, deixa de ser visto como um mero ato de assistencialismo. Segundo Kramer (2006), as crianças começaram a ter sua singularidade respeitada, sendo consideradas cidadãs e parte de sua classe, grupo, cultura, sendo assim, passaram a ser compreendidas como sujeitos de direito: direto a assistência, a saúde e a educação. Quanto a isso, Weiss (2012) aponta que:

[...] a educação infantil é marcada por funções sociais diferenciadas que oscilam entre o assistencialismo, caracterizado por um atendimento restrito às concessões médico/higienistas, e um modelo de educação compensatória/preparatória, podendo chegar a um atendimento de caráter pedagógico que contempla uma visão mais abrangente de ensino e aprendizagem (WEISS, 2012, p. 65).

A educação atual, no entanto, propicia caráter educativo, dando ênfase na interação entre a criança e o adulto. Além disso, segundo Kramer (2006), é na Educação Infantil que se faz presente o cuidado, a atenção, o acolhimento, a alegria e a brincadeira, nos quais, por meio dessas práticas, as crianças aprendem e o fazem com prazer. Nesse sentido as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 1998), afirmam:

As instituições de Educação Infantil devem definir em suas propostas pedagógicas, práticas de educação e cuidados, que possibilitem a integração entre os aspectos físicos, emocionais, afetivos, cognitivos/linguísticos e sociais da criança, entendendo que ela é um ser completo, total e indivisível (BRASIL, 2009, p. 12).

Nesse sentido, a educação infantil é pioneira na etapa de ensino que se caracteriza fora do espaço domiciliar. Segundo o Estatuto da Criança e Adolescente (BRASIL, 1990), a educação é um direito humano e social de todas as crianças e suas pluralidades. Para que ocorra a formação sistemática e processual da criança, a prática educacional de professores e professoras precisa ser sistematizada por meio de planejamentos e projetos, mais especificamente, um projeto político pedagógico.

Quanto à formação inicial e continuada do docente atuante na Educação Infantil, Kramer (2006, p. 806) evidencia que esse processo de formação se constitui na “prática social de

reflexão contínua coerente com a prática que se pretende implementar”. Dessa maneira, a formação científica e cultural de todo o corpo docente e gestor é extremamente importante, tomando assim, a prática como pontapé inicial e como ponto de chegada, contribuindo para a qualificação dos mesmos para um trabalho pedagógico de qualidade.

Diante do exposto, os Referenciais Curriculares para a Educação Infantil (BRASIL, 1998) afirmam que:

Criança como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico. É profundamente marcada pelo social em que se desenvolve, mas também a marca (BRASIL, 1998, p. 21).

Da mesma maneira, a Base Nacional Comum Curricular- BNCC, garante que a criança deve ser compreendida:

[...] como sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2016, p. 12).

Atualmente a educação infantil é dividida em creche para crianças de 0 a 3 anos e pré-escola para crianças de 4 a 5 anos. Em primeiro lugar é preciso compreender que por muitos anos as crianças foram menosprezadas historicamente e os espaços em eram atendidas visavam apenas o cuidado de forma assistencialista. Os profissionais não tinham como objetivo a formação integral das crianças porque não existia o sentimento de infância, como exemplo na idade média elas eram consideradas como pequenos adultos.

É importante ressaltar que foram anos de luta em favor das crianças e foi a partir da promulgação da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 (BRASIL, 1988) que as creches e educação infantil passaram a fazer parte da educação e passando a ser do Estado o dever de garantir a criança o direito e a gratuidade de frequentar as creches e pré-escolas.

Sabemos que o cuidar, o educar e a afetividade na educação infantil são de suma importância no desenvolvimento pleno da criança, pois através disso os momentos se tornam produtivos e proveitosos. Para que isso aconteça é importante ressignificar as práticas pedagógicas por isso Forest e Weiss (2002) explicam que é a ação conjunta dos educadores e também de toda comunidade escolar essencial para garantir que o cuidar e educar aconteçam de forma integrada.

4. Afetividade

Por meio da afetividade é possível criar entre o professor e aluno ligações que elevam o nível do aprendizado. Leite (2012, p. 360) ressalta que, para Wallon (1968), “a emoção é o primeiro e mais forte vínculo que se estabelece entre o sujeito e as pessoas do ambiente, constituindo as manifestações iniciais de estados subjetivos, com componentes orgânicos”. Sendo que a afetividade se configura em um processo mais amplo, englobando a emoção, o sentimento e a paixão.

Assim, a afetividade é um conceito mais amplo, constituindo-se mais tarde no processo de desenvolvimento humano, envolvendo vivências e formas de expressão mais complexas, desenvolvendo-se com a apropriação, pelo indivíduo, dos processos simbólicos da cultura, que vão possibilitar sua representação (LEITE, 2012, p. 360).

Segundo Bezerra (2006) na concepção de Wallon as teorias sobre as emoções são fundamentalmente mecanicistas e pouco compreensíveis. Primeiramente, ele as percebe como reações confusas e contraditórias. Também destaca o poder instigado que as emoções têm que ele considera positivo: “O estudo da criança exigiria o estudo dos meios onde ela se desenvolve. É impossível de outra forma determinar exatamente o que é devido a este e o que pertence ao seu desenvolvimento espontâneo” (WALLON, 1982, p.189 apud BEZERRA, 2006, p.21). Pode-se afirmar a partir das ideias de Wallon que é por intermédio do meio onde ela se desenvolve, ou seja, a sociedade pode interferir no avanço psíquico da criança. Desse modo a presença ou não da afetividade pode determinar a forma como o indivíduo irá se desenvolver,

pois o resultado positivo da afetividade pode elevar o sentimento de cuidado, afeto, carinho, atenção.

Considera-se que a mediação pedagógica entre o professor e o aluno compreende uma natureza afetiva que, dependendo da maneira como é produzida e realizada produz efeitos afetivos negativos ou positivos no que diz respeito a relação estabelecida entre os alunos e os conteúdos escolares aplicados. Leite (2012), ao realizar uma pesquisa sobre identificação e análise de algumas decisões pedagógicas planejadas e desenvolvidas por professores e seus impactos afetivos nas relações que se estabelecem entre o aluno e os conteúdos escolares, constatou que as decisões tomadas pelos professores na sua prática pedagógica em sala de aula produziram, nos alunos, fortes impactos afetivos, mesmo sem a presença física dos docentes na situação.

4.1 A manifestação da afetividade no contexto escolar

O professor é o mediador do conhecimento ao aluno. Desse modo, a compreensão do importante papel da afetividade, pelo professor, faz-se de grande valia, principalmente no que se refere a educação infantil, assim, como a afetividade é inerente ao convívio humano. Todavia, esta também se encontra presente dentro do ambiente escolar e, contribui para a aprendizagem da criança, visto que se sente bem entre os colegas de classe e principalmente com a professora. Em completude, Vygotsky (2003, p. 121) diz que:

As reações emocionais exercem uma influência essencial e absoluta em todas as formas de nosso comportamento e em todos os momentos do processo educativo. Se quisermos que os alunos recordem melhor ou exercitem mais seu pensamento, devemos fazer com que essas atividades sejam ensinadas e instigadas emocionalmente. A experiência e a pesquisa têm demonstrado que um fato impregnado de emoção é recordado de forma mais sólida, firme e prolongada que um feito indiferente.

Ainda, de acordo com Golse (1998, p. 157) “a inteligência não começa, pois, nem pelo conhecimento do eu nem pelo das coisas enquanto tais, mas pelo conhecimento de sua interação [...]”. Ou seja, o desenvolvimento humano tramita-se de forma a envolver os aspectos físicos, sociais e emocionais. Porquanto, para Piaget (1995 apud PULASKI, 1986, p. 139), “...todo ato

inteligente é acompanhado por sentimentos (de interesse de prazer, de esforço etc.), e que esses sentimentos fornecem a motivação, a energia que ativa o crescimento intelectual”.

As crianças iniciam o contato efetivo com o outro, no caso seus colegas de classe, professores e demais pessoas que trabalham no recinto no início da sua vida escolar. Desse modo, o “outro” adquire uma posição importante no mundo, sendo que, as relações entre as pessoas acarretam vínculos afetivos. Uma vez que, por meio do convívio adquire-se sentimentos pelo o outro indivíduo, o qual interage em seu cotidiano.

Compreende-se que a estimulação afetiva é de suma importância, visto que, existe uma relação entre o cognitivo e o afetivo, onde ambos proporcionam um maior desenvolvimento de aprendizagem. Isto é, o corpo, a emoção e o cognitivo constituem um trio de interdependência, dessa maneira, um complementando o outro. Como afirma Wallon (2007, p. 198):

É contra a natureza tratar a criança fragmentariamente. Em cada idade, ela constitui um conjunto indissociável e original. Na sucessão de suas idades, ela é um único e mesmo ser em curso de metamorfoses. Feita de contrastes e de conflitos, a sua unidade será por isso ainda mais susceptível de desenvolvimento e de novidade.

Assim, de acordo com os estudos wallonianos, não há separação entre corpo, cognição e afeto, pois juntos proporcionam a organicidade social do indivíduo. E, este por sua vez forma sua própria identidade proporcionada por meio das relações com o outro (WALLON, 2007).

Em consonância, Tassoni (2000, p. 14), destaca que, “mesmo mantendo-se o contato corporal como forma de carinho, falar da capacidade do aluno, elogiar seu trabalho, reconhecer seu esforço, constitui-se formas cognitivas de vinculação afetiva”. Dessa forma, para que aconteça o aprendizado de forma efetiva, compreende-se que começa com a relação social, na escola entre professor e aluno.

A afetividade nos remete a vários sentimentos como: prazer, desprazer, simpatia e antipatia, por meio dela é que se desenvolve o grau de motivação e de interesse do aluno pelas atividades abordadas pelo professor. Piaget (1995), admite que desregulações de caráter afetivo possam obstruir o funcionamento da atividade cognitiva, da mesma forma como as motivações afetivas intensificam a operacionalidade intelectual. Porém, a volta à normalidade na área afetiva, não dispensa a recuperação dos prejuízos causados na área cognitiva.

Segundo Piaget (1995) o desenvolvimento social age sobre o cognitivo e o afetivo. O conhecimento social é constituído pela criança à medida que ela interage com os adultos e com outras crianças.

As relações entre o sujeito e o meio consistem em uma interação radical, de tal modo que a consciência não começa pelo conhecimento dos objetos nem pelo da atividade do sujeito, mas por um estado indiferenciado; e é desse estado que derivam dois movimentos complementares, um de incorporação das coisas ao sujeito, o outro de acomodação das próprias coisas (PIAGET, 1995, p. 384).

A emoção ocupa o papel de mediadora no desenvolvimento infantil, no qual está associado a satisfação das necessidades básicas e a construção de novas relações sociais (DE LA TAILLE *et al.*, 1992). O amor e o afeto quando trabalhados de forma correta, ajuda as crianças a superar esse sentimento de abandono nos primeiros dias de aula e com isso a afetividade flui de forma mais sadia (WALLON, 2007).

Nesse contexto, o contato entre a criança e o adulto na escola, entre docente e discente, configura-se como suporte afetivo para o desenvolvimento da mesma. Consequentemente, compreende-se que a vivência e/ou relação entre a criança e a pessoa adulta, se acontecida de forma comunicativa e prazerosa, faz bem para ambos. E, especificamente na vida da criança, permitindo a comunicação e expressão benéfica ao processo de desenvolvimento. Logo, percebe-se que o professor detém um importantíssimo papel na relação de ensino aprendizagem (BRANDEN, 1998).

Portanto, no contexto de sala de aula, o docente deve tomar uma postura acolhedora, compreensiva e afetiva para com as crianças. Uma vez que, a postura correta do professor, bem como o convívio social da criança com o ambiente escolar tendem a deixar boas marcas em relação a trajetória deste aluno pelos anos escolares. Sendo assim,

A maior parte das experiências na fase da infância marcam as pessoas ao longo da vida. Daí a relevância, nesse período, de situações onde a criança experiencie momentos felizes e aprendizagens significativas. Caso contrário, elas podem se tornar adultos com angústias, medos e até traumas, muitas vezes irreversíveis (PRADO, 2013, p. 23).

Dessa forma, o professor que consegue dar atenção aos alunos e estabelecer uma boa relação afetiva para com eles, permite um maior desenvolvimento. Ressaltando que a relação de cuidado que o professor oferece aos alunos, colabora para com a confiabilidade, liberdade e respeito, oferecendo a criança o bem-estar dentro da escola.

Por isso, o trabalho de estar à frente da sala de aula, traz ao educador uma série de compromissos e responsabilidades. Ademais, o docente deve demonstrar prazer ao ensinar, bem como, mostrar afetividade por seus alunos, através de atenção, por meio de palavras de elogio e carinho, afagos e abraços, sejam de forma individual ou coletiva.

A maneira como o profissional trabalha a afetividade é tão importante, pois, a todo o momento, a escola recebe crianças com vários tipos de personalidades, como: autoestima baixa, dificuldades em aprender, tristeza, dificuldades para se relacionar com seus colegas.

Estudos mostram que as relações entre o professor, o conteúdo escolar e o aluno são profundamente marcadas pela afetividade, podendo gerar impactos de aproximação ou distanciamento entre o aluno e o conteúdo. Todas as atividades planejadas e desenvolvidas pelo professor possuem influências na afetividade e na aprendizagem dos alunos. A maneira que o professor apresenta o conteúdo em sua sala de aula pode afetar cada aluno de uma maneira particular, repercutindo de diversas formas na sua aprendizagem. Os mesmos esquecem-se da afetividade e muitas vezes se preocupam apenas com o conteúdo e com as metodologias, podendo criar marcas profundas (LEITE, 2012).

Nesse processo de adaptação na escola é preciso integrar a participação dos pais e da família na vida escolar do educando e trabalhar mais a afetividade nas relações familiares, no que concerne a isso, o professor precisa ver além da questão do ensinar e colocar em prática os sentimentos como: afeto, atenção, carinho, amor e cuidado para que as crianças tenham um ótimo aprendizado e sem traumas futuros. Fernández (1991, p. 47), diz que “a aprendizagem é repleta de afetividade, pois ocorre a partir das interações sociais”, sendo o afeto importantíssimo para a criança, pois ele a ajuda a sentir-se segura e protegida.

Segundo Scoz (1994), a afetividade é um instrumento essencial para compreensão do indivíduo e seus dilemas, visto que, a nossa sociedade atual abarca muitas exigências. Diante das emblemáticas situações do cotidiano vivida tanto por adultos, jovens e crianças, a

comunidade escolar vem dar um auxílio, para a busca de compreensão e resolução de problemas.

Diante do exposto, a falta da afetividade, especialmente em estudantes, tem prejudicado o aprendizado do conteúdo escolar. Sendo assim, “as intervenções psicopedagógicas propiciam dinâmicas de afetividade, estabelecem uma sintonia motivacional, a qual resulta em melhorias nas propriedades cognitiva e emocional com seus pares escolares e com a família” (SCOZ, 1994, p.39).

No mundo contemporâneo, a família deixou de ser ‘unidade de produção’ para assumir o papel de ‘unidade de consumo’ proveniente, principalmente, pela perda do sentido da tradição. Por conta disso, o amor, o casamento, a família, a sexualidade e o trabalho antes vividos por meio de papéis pré-estabelecidos passam a ser concebidos como parte de um projeto em que a individualidade prevalece e adquire cada vez mais importância social e implicações nas relações familiares. E é por tudo isso que ainda é preciso e plausível acreditar que a modificação no ‘pensar’ e no ‘olhar’ de forma singular às famílias é o que possibilitará uma mudança na forma de se considerar as práticas que permeiam suas relações. Reconhecer e aprender a contextualizar as mudanças provenientes da contemporaneidade e seu impacto sobre as famílias se faz necessário no sentido de poder melhor acolher sua demanda e contribuir para que estas visualizem suas potencialidades (SARTI, 1995, p. 72).

O trabalho colaborativo, ou seja, com a união dos educadores e da família garantirá o entendimento multifacetado da vida afetiva dos alunos, por meio das aproximações, as quais promoverão mudança no desenvolvimento desses alunos, uma vez que, o afeto é indispensável para o aprendizado do discente (WALLON, 2007).

O que significa que a afetividade entrelaça com o ser e seu cognitivismo. Desta forma, a emoção é caracterizada como a manifestação da subjetividade de dimensões orgânicas e sentimentos mais momentâneos. A afetividade então está relacionada as vivências e a complexidades das mais variadas formas de expressão, ou seja, mais amplo e com apropriação simbólica das representações culturais, interferindo na atividade cognitiva e emoções viabilizando o desenvolvimento dessas (SCOZ, 1994, p. 42).

A dimensão afetiva na relação pedagógica precisa, portanto, ser entendida como um dos fatores que potencializa a relação do estudante com a vida escolar, dentre outras esferas da vida desta criança. Nesse sentido, sabemos o quanto que uma criança, em seu âmbito familiar,

necessita estar segura quanto a relação de troca de afeto entre pais, irmãos e dentre outros membros da família (PINO, 2009).

No que se diz respeito à constituição do sujeito e os aspectos familiares:

[...] é o resultado de uma vida social com história e que, em suas ações e seus relacionamentos na família, produz sentido subjetivo que é inseparável das configurações subjetivas de sua condição histórico-social (GONZÁLEZ REY, 2005, p. 159).

Dessa maneira, salienta-se que a família deve trabalhar conjuntamente com a escola, em prol do aprendizado da criança. Diante dos problemas que a correria diária tem afetado as crianças, faz-se necessário à escola, alertar os familiares quanto a terem um tempo de qualidade, um momento de diálogo e troca de afeto com seus filhos.

Portanto, pode-se afirmar que os aspectos emocionais influenciam não somente nos aspectos de sucesso educacional, mas igualmente no contexto amplo da vida social de um sujeito. As dimensões afetivas são, portanto, questões que não podem ser ignoradas e precisam ser incluídas na agenda de discussão dos profissionais da educação (SCOZ, 1994).

4.2 Formação do Professor

Sabemos que o ser humano nasce cercado pela afetividade, por esse motivo podemos afirmar que a escola tem papel fundamental na relação professor - educando e também no processo de ensino-aprendizagem. O professor é a conexão que possibilita a formação integral do aluno, por isso é necessário que ele reflita sobre sua prática pedagógica para criar oportunidades de relações baseadas no respeito, amizade, confiança e outras formas de interagir com o educando.

É importante ressaltar que quando existe a disponibilidade do professor em ensinar e do aluno em aprender são formados elos afetivos que facilitam o processo de ensino aprendizagem. É necessário que o professor tenha um olhar sensível ao aluno observando cada etapa cuidadosamente para que seja de forma atenciosa transformando cada conhecimento em atividades que estimulem o aprendizado de cada criança.

Para que a aquisição da informação seja efetiva consideramos o papel do professor como primordial. Sabemos que a construção de sua identidade se dá ao longo de sua trajetória e a função do profissional vem sofrendo transformações ao longo do tempo.

Para Basso (1998) o trabalho do professor não deve ser visto como parte isolada, pois, as situações em sala de aula dependem, sobretudo, das condições subjetivas de sua formação e da concepção que ele tem do significado de sua atividade que o motiva. Para Rossato et al. (2018):

A constituição da subjetividade do professor tem sido, por vezes, relegada a um segundo plano ou mesmo ignorada no cotidiano escolar e nos processos de formação inicial e continuada. Compreender como a subjetividade se constitui e se expressa nas ações e relações pedagógicas do professor possibilita colocar em evidência elementos que extrapolam o conceito de 'prática pedagógica' - concebida tradicionalmente como conjunto de atividades a serem desempenhadas no exercício da profissão docente (ROSSATO, et al., 2018, p. 2).

É necessário ir além da prática pedagógica, o desejo do professor pela formação continuada evidencia uma vontade de receber modelos prontos para serem executados em sala de aula, porém esse comportamento mostra profissionais que não se reconhecem como sujeitos capazes de agir de forma autoral com ações criativas.

É importante ter um olhar atento para a trajetória tanto do professor quanto do aluno, pois a partir das experiências dessa construção ao longo do caminho com o desenvolvimento afetivo saudável é que o processo de ensino aprendizagem se torna ainda mais relevante. No contexto escolar existe um elo entre professor e aluno que não pode ser ignorado. É por isso que é necessário ao professor, por intermédio de sua formação inicial e continuada a possibilidade de compreender seu papel como mediador e a importância de uma prática reflexiva em sala de aula.

4.3. A importância da afetividade da família na aprendizagem

O convívio em família, faz-se muito importante, uma vez que, compreende-se que o diálogo e troca de afeto, permite uma vida estável e feliz para todos os membros familiares.

Cabe à família – por meio de sua força modeladora garantir aos seus membros a socialização através da transmissão de valores, crenças e costumes sociais. Sendo assim, atribui-se a ela, também, a responsabilidade por possibilitar a união dos seus membros baseada no amor e no afeto (PINO, 2009, p. 38).

Em completude, Freitas (2002) elucida que:

Tradicionalmente, quando se fala em famílias logo vem à mente, os princípios da união, da felicidade, harmonia, respeito. No entanto, ao dirigir o olhar para as recentes famílias constituídas, percebo que a tradição não é mais a mesma, os princípios seriamente seguidos anos atrás, hoje não possuem o mesmo significado, e estão se perdendo com o passar dos tempos (FREITAS, 2002, p. 104).

No entanto, com as inúmeras tarefas que a contemporaneidade exige aos indivíduos, advém a falta de tempo, para viver um período de qualidade em família. Atualmente, muitas famílias não disponibilizam deste momento entre si e principalmente para com seus filhos. Segundo ainda Freitas (2002, p. 125), “por questões de tempo, hoje os pais perdem parte do crescimento dos seus filhos, não sendo somente físico, mas humano também, as pequenas conquistas, descobertas, sentimentos, significados, palavras, restrições, repreensões, o sim e o não”.

Sabe-se que, problemas oriundos da falta de carinho e atenção, gera em crianças e jovens em idade escolar, problemas relacionados ao afeto intrafamiliar. Portanto, quando colocamos o contexto da afetividade, no modo de vida da sociedade, vemos que os familiares, estão constantemente ocupados com seus afazeres e responsabilidades, e as crianças, por sua vez, a fim de não sentirem a ausência, encontram-se também, sempre ocupados com os afazeres escolhidos pelos pais. Tal correria do dia a dia, causa um vácuo dentro do lar, ou seja, quase não há mais tempo de qualidade entre filhos e pais, e o momento de troca afetiva, é deixada de lado. Assim, uma forma de amenizar é de os familiares compreenderem que o tempo de diálogo é fundamental. De acordo com Freitas (2002):

[...]É através do diálogo que se leva um indivíduo a refletir sobre algo ou um ato, esclarecendo os fatos, os porquês, expondo argumentos, levando a reflexões e visualizações de exemplos. As ações já citadas, somadas a atitudes

exemplares resulta na construção de novos saberes e novos valores. O bom desenvolvimento da personalidade não acontece do dia para a noite, envolve tempo, dedicação, paciência e exemplo, é uma construção a passos lentos (FREITAS, 2002, p. 69).

A participação da família tem sua importância imensurável para a criança, por isso deve estar presente em todos os momentos da vida. Del Prette (1999) diz que:

Acredito, porém, que quanto mais estruturada emocionalmente for à família, com relações afetivas satisfatórias, convivências de trocas verdadeiras, e quanto mais precocemente puder ser orientada, tanto maior será sua possibilidade de reestruturação e redimensionamento de funções e papéis e, conseqüentemente, de facilitação do processo de desenvolvimento de seu filho, na totalidade do Ser (DEL PRETE, 1999, p. 35).

De acordo com Argenti e Romanelli (1999), a família é como se fosse uma ponte em que promove o espaço de socialização infantil e constitui em mediadora na relação entre a criança e a sociedade. Contudo, a criança não deve conviver apenas com seus familiares, mas precisam estabelecer relações, isto é, socializar-se com outras pessoas, contextos diferentes da sua vida cotidiana em família. Assim, o contato e a convivência com outras pessoas, permitirão com que a criança se desenvolva no processo de socialização. Biasoli-Alves (1995, p. 93) reporta que:

As interações estabelecidas no microsistema família são as que trazem implicações mais significativas para o desenvolvimento da criança, embora outros sistemas sociais (ex.: escola, local de trabalho dos genitores, clube) também contribuam para o seu desenvolvimento.

Familiares que protegem exageradamente seus filhos, por cautela extrema podem evitar que brinquem de brincadeiras típicas da infância, como correr ou saltar, e assim a criança pode sofrer a defasagem em seu desenvolvimento motor bem, como seu desenvolvimento psíquico. Por isso, o trabalho de desenvolvimento e ensino-aprendizagem da criança, precisa ser realizado de forma conjunta entre família e escola. Quando a criança se encontra na escola, o professor

também auxiliará para o desenvolvimento desta. Frequentar a escola permite com que a criança se desenvolva e socialize, Biasoli-Alves (1995) explica:

Cabe à escola definir os papéis, tanto da família, quanto da própria escola, enquanto colaboradores do processo educativo. Há de se permitir aos pais um conhecimento bastante amplo de modo simples para que socializem com este universo de conhecimento (BIASOLI-ALVES, 1995, p. 68).

Os familiares precisam compreender que a tarefa de educar não se encontra restrita aos educadores, mas que os mesmos precisam fazê-la em unidade com a escola. Isto é, a família precisa participar ativamente da escola, uma vez que, tal parceria agregará maior desenvolvimento da criança. Del Prette (1999) faz a seguinte explanação:

A escola e a família são dois sistemas que têm estado afastados, apesar de terem relações ou interações, a nível institucional ou individual. Algumas vezes a escola toma para si o papel de educadora, sem considerar a função educativa que é realizada no âmbito familiar. Embora tenham objetivos comuns, suas funções foram separadas não havendo colaboração entre elas. Para que a criança tenha boa adaptação ao ambiente escolar é preciso que a família demonstre confiança na escola (DEL PRETTE, 1999, p. 39).

Portanto, para que haja êxito no ensino e aprendizagem é necessário que os familiares depositem confiança na escola. É necessário conversas e parcerias tanto da família, quanto dos educadores que se relacionam diretamente com o aluno. Precisa existir troca, os familiares precisam dar continuidade a aquilo que está sendo ensinado na escola e vice-versa.

As crianças em geral passam boa parte do tempo nas instituições de ensino, locais que exercem forte influência no que diz respeito ao desenvolvimento das mesmas. No âmbito escolar as crianças aprendem em sala de aula e também se relacionam com seus colegas, professores e as demais pessoas, pertencentes a comunidade escolar. Portanto, a escola é um importante elo entre os menores e a sociedade. O trabalho mútuo, em unidade, entre a escola e a família gera segurança, aprendizado, desenvolvimento intelectual e social deste aluno. Assim, é fato que a união de ambas, contribui de forma efetiva para o ensino-aprendizado. Desse modo, a escola, como um todo, precisa trabalhar de forma conjunta com a família do educando, para que o professor entenda a real situação de cada criança. É o que Larrey (2015) complementa

Como efeito colateral da superproteção, os especialistas em educação infantil começam a notar um aumento no número de crianças ansiosas e inseguras. Não é difícil identificar uma delas em sala de aula: é a que pede atenção e aprovação para cada tarefa que realiza. Consulta os professores com frequência quase insuportável. Fora da sala, tem medo de se machucar no parquinho, evita ir sozinha ao banheiro, pede ajuda a todo momento. Tamanha dependência está na raiz da baixa autoestima (LARREY, 2015, p. 78).

Por fim, sabe-se que para uma convivência sadia, arraigada por afeto entre os familiares, o diálogo e os momentos de qualidade juntos, de brincadeiras, passeios, almoços e jantares juntos, dentre outros momentos que a família escolha estarem unidos, são fundamentais para que haja uma organização dos afetos intrafamiliares. Segundo Lázaro (1996, p. 161), “as frustrações afetivas decorrentes da inserção dos indivíduos numa rede de interdependência mais complexa e diferenciada podem auxiliar na compreensão da fragilização dos laços sociais”.

5. Considerações finais

Não podemos pensar em uma educação sem amor, carinho, atenção e o afeto porque são características que constroem o ser humano. O presente trabalho buscou refletir sobre o assunto referente ao tema que envolve a afetividade e todos os sentimentos que a constitui. A afetividade é de suma importância no processo de ensino-aprendizagem e auxilia nas práticas em sala de aula, porque é um sentimento que está presente na vida do ser humano desde o nascimento até o seu fim.

Considera-se que a afetividade precisa estar presente em todas as decisões a serem tomadas pelo professor, sendo que as mesmas produzirão em seus alunos impactos positivos ou negativos. Trata-se, portanto, de um fator fundamental nas relações que se estabelecem entre as crianças e entre as aulas lecionadas.

A afetividade é essencial na compreensão de processos de adaptações ao ambiente da escola e por consequência aos seus processos de ensino-aprendizagem. A afetividade e a aprendizagem estão relacionadas ao ensino de qualidade e ao educador, por isso a escola representa o cerne da aprendizagem e deve oferecer todas as condições necessárias para que a

criança se sinta amada, segura e protegida e o estímulo desse laço proporciona uma maneira mais eficaz da criança desenvolver com o lúdico um melhor aprendizado e uma melhor maneira de expressar seus sentimentos.

Sabemos que o professor é o mediador do conhecimento e para que o seu desempenho seja eficiente é preciso apresentar práticas que envolvam laços afetivos com os alunos. Para isso é necessário buscar conhecer a trajetória de cada um deles para poder criar alternativas pedagógicas de acordo com a realidade de cada um. Enfim, a relação de afetividade confere um caráter social ao processo de ensino-aprendizagem e é por meio desta interação com outros, que a criança ganha autoconfiança e autonomia e com isso nós professores poderemos concluir os trabalhos em sala de aula e fazer com que as mesmas tenham mais prazer em ir para a escola.

Além de dominar os campos de experiências, o professor precisa saber motivar e incentivar seus alunos e a afetividade é uma aliada nesse processo. Essa estratégia pode contribuir na consecução da proposta de ensino e, conseqüentemente, na aprendizagem escolar. As relações interpessoais no âmbito escolar são imprescindíveis para o desenvolvimento saudável da criança. É notório relacionar que os métodos e as estratégias afetivas não só auxiliam para o ensino e a aprendizagem no espaço escolar, mas também, são efetivas no que tange a vida social, como por exemplo na resolução de problemas e conflitos.

Todas essas contribuições só se tornarão possíveis mediante a dedicação dos professores em parceria com os familiares, ou seja, todos precisam estar envolvidos para que os laços de sentimentos sejam criados. Além disso, os aspectos sociais, biológicos e psicológicos do aluno precisam ser levados em consideração pelo professor, visto que, ao se atentar a esses aspectos, as aulas terão mais fluidez.

Depreende-se que, diante da discussão realizada ao longo do trabalho, que as relações afetivas construídas ao longo da trajetória escolar do aluno, propicia o desenvolvimento emocional, social e intelectual da criança. Essa experiência leva a criança a reprodução das ações advindas dos adultos, além de se sentirem seguras e prazerosas com o ambiente escolar.

Por fim, é muito importante, portanto, a criação de vínculos de confiança entre aluno e professor, o que está ligado diretamente no sucesso na aquisição do conhecimento. A pedagogia baseada na afetividade permite o desenvolvimento cognitivo por meio de interações de afeto,

seu principal objetivo é a motivação dos alunos, pois, os mesmos aprendem melhor quando estão mais motivados.

Link para vídeo de apresentação disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=mrA_XkYmc80> Acesso em: 26 maio. 2021>.

REFERÊNCIAS

ARGENTI, M. C.; ROMANELLI, G. Um estudo das representações sociais da família e da escola no processo educativo da criança. In: **Reunião Anual de Psicologia da Sociedade Brasileira de Psicologia**, 29., 1999, São Paulo. Resumos. Ribeirão Preto, SBP, p. 287, 1999.

BASSO, I. S. **Significado e sentido do trabalho docente**. Cadernos CEDES, Campinas, v. 19, n. 44, 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621998000100003>. Acesso em: 18 maio. 2020.

BEZERRA, Ricardo José Lima. Afetividade como condição para a aprendizagem: Henri Wallon e o desenvolvimento cognitivo da criança a partir da emoção. **Revista Didática Sistemica**: vol. 4, julho a dezembro de 2006. Disponível em: <[http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/625/Afetividade.como.condi% c3% a7% c3% a3o. para.a.aprendizagem.Henri.Wallon.e.o.desenvolvimento.cognitivo.da.crian% c3% a7a.a.%20par tir.da.emo% c3% a7% c3% a3o.pdf?sequence=1](http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/625/Afetividade.como.condi%c3%a7%c3%a3o.para.a.aprendizagem.Henri.Wallon.e.o.desenvolvimento.cognitivo.da.crian%c3%a7a.a%20par.tir.da.emo%c3%a7%c3%a3o.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 01 jun. 2020.

BIASOLI-ALVES, Z. M. M. **Família-Socialização- Desenvolvimento**. Tese de Livre Docência. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 1995.

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, SariKnopp. **Investigação Qualitativa em Educação**. Editora: Porto Editora, Portugal, 1994.

BRANDEN, Nathaniel. **Auto-estima e os seus seis pilares**. Tradução de Vera Caputo. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1998.

BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266>. Acesso em: 09 nov. 2020.

BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição [da] República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL, MEC. SEF. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: Mec/SEF, 1998. (Vol.1,2,3).

BRASIL. Ministério da Educação. CNE/CEB. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, 2009.

BRASIL. **Ministério da Educação e Cultura. Base Nacional Curricular Comum – 2ª** versão revisada. Etapa educação Infantil, Brasília – 2016.

DE LA TAILLE, Y.; OLIVEIRA, M. K; DANTAS, H. Piaget, Vygotsky, Wallon: **teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE. A. **Psicologia das Habilidades Sociais: Terapia e educação**. Petrópolis: Vozes, 1999.

FERNANDÉZ, A. **A inteligência aprisionada**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FOREST, Nilza Aparecida; WEISS, Silvio Luiz Indrusiak. **Cuidar e Educar: Perspectivas para a prática pedagógica na educação infantil**. 2002; Monografia; Aperfeiçoamento/Especialização em Psicopedagogia) - Centro Universitário Leonardo da Vinci, 2002. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/2215211-Cuidar-e-educar-perspectivas-para-a-pratica-pedagogica-na-educacao-infantil.html>>. Acesso em: 07 ago. 2020.

FREITAS, L. A. P. **Adolescência, família e drogas: a função paterna e a questão dos limites**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002. 104p.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1987.

GOLSE, B. **O Desenvolvimento Afetivo e Intelectual da Criança**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

GONZÁLEZ REY, F. **Sujeito e Subjetividade: Uma aproximação histórico-cultural**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

KRAMER, Sônia. As Crianças de 0 a 6 anos nas Políticas Educacionais no Brasil: Educação Infantil e é Fundamental. **Educação & Sociedade**, v. 27, n. 96, p. 797- 818, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302006000300009&script=sci_abstract&lng=pt>. Acesso em: 09 nov. 2020.

LARREY, Jessica. **Pais Super Protetores, Filhos Bananas: o que podemos fazer para não criarmos uma geração insegura**. 2 ed. Rio de Janeiro. 2015.

LÁZARO, A. **Amor: Do Mito ao Mercado**. Petrópolis: Vozes, 1996.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva. **Afetividade nas práticas pedagógicas**. Temas psicol., Ribeirão Preto, v. 20, n. 2, p. 355-368, dez. 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2012000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 28 fev. 2021.

LÜDKE, Menga. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas I**. São Paulo: EPU, 1986.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica 1**. - 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

PIAGET, Jean. **Desenvolvimento e aprendizagem**. Porto Alegre: UFRGS/FACED/DEBAS, 1995.

PINO, A. (mimeo). **Afetividade e vida de relação**. Campinas, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2009.

PRADO, Natalianne Lemos do. **Afetividade como fator de qualidade na educação infantil: visão de professores**. 2013. 113 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade de Brasília – Unb, Brasília, 2013. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/5061/1/2013_NatalianneLemosdoPrado.pdf. Acesso em: 28 fev. 2021.

PULASKI, M. A. S. **Compreendendo Piaget**. Uma Introdução ao Desenvolvimento Cognitivo da Criança. Rio de Janeiro: LTC, 1986.

ROSSATO, M; MATOS, J. F; PAULA, R.M: **A subjetividade e a sua expressão nas ações e Relações pedagógicas**. Vol.34, 2018. Disponível em: <http://educacaoemrevistaufmg.com.br/?artigo=a-subjetividade-do-professor-e-sua-expressao-nas-acoes-e-relacoes-pedagogicas>. Acesso em: 02 maio. 2020.

SARTI, C.A. Família e individualidade: um problema moderno. In: CARVALHO, M.C.B (Org). **A Família Contemporânea em Debate**. São Paulo: EDUC Cortez, 1995.

SCOZ, B. J. L. **Psicopedagogia e realidade escolar: o problema escolar e de aprendizagem**. Rio de Janeiro/: Vozes, 1994.

TASSONI, E.C.M. **Afetividade e aprendizagem: a relação professor-aluno**. Campinas, 2000. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/23/textos/2019t>. Acesso em: 02 mar. 2021.

VYGOTSKY, L. S. A educação do comportamento emocional. In: **Psicologia Pedagógica: edição comentada**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WEISS, Elfy Margrit Göhring. Educação Infantil: espaço de educação e de cuidado. In: FLÔR, Dalânea Cristina; DURLI, Zenilde (Orgs.). **Educação infantil e formação de professores**. Florianópolis. Ed. da UFSC, 2012. p.129-139. Disponível em:<http://ndi.ufsc.br/files/2013/09/Livro-educ_infantil-e-forma%C3%A7%C3%A3o-de-professores.pdf> Acesso em: 09 nov. 2020.